

# QUANDO VIVER A UNIVERSIDADE É TAMBÉM REINVENTÁ-LA: GÊNERO E SEXUALIDADE NAS NARRATIVAS DE ESTUDANTES LGBTI+ UNIVERSITÁRIOS/AS

**JÚLIO CÉSAR DE OLIVEIRA SANTOS**

Doutorando em Educação junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, julio.santos@ufpe.br;

## RESUMO

A partir do início do século XXI, a educação superior brasileira veio experienciando o que ficou conhecida como a democratização do acesso e permanência, com a produção de uma série de políticas públicas que viabilizaram a expansão no número de instituições, cursos, vagas e matrículas, junto a um processo de “inclusão” de sujeitos historicamente sub-representados nesse nível de educação. Nesse percurso, uma série de sujeitos políticos vieram se afirmando e disputando o cotidiano das universidades, dentre eles, destaca-se a chamada população LGBTI+. Este artigo tem como objetivos a) analisar, através de narrativas de estudantes LGBTI+ da Universidade Federal de Pernambuco, os sentidos vinculados à universidade e às trajetórias acadêmicas, e b) investigar os efeitos das experiências mediadas pelo currículo universitário em seus processos de subjetivação. Tomo as narrativas de meus e minhas interlocutores/as como expressivas de algumas das maneiras pelas quais a universidade é disputada e constituída pelas experiências de pessoas LGBTI+, ao passo em que medeia as experiências pelas quais essas pessoas se constituem.

**Palavras-chave:** universidade; LGBTI+; gênero e sexualidade.

## 1. INTRODUÇÃO

A partir do início do século XXI, a educação superior brasileira veio experienciando o que ficou conhecida como a *democratização* do acesso e permanência, com a produção de uma série de políticas públicas que viabilizaram a expansão no número de instituições (públicas e privadas), cursos, vagas, matrículas e, inclusive, um processo de interiorização das universidades<sup>1</sup>. De forma geral, essa noção tem sido entendida como efeito de dois processos: a expansão massiva das Instituições de Educação Superior (IES) públicas e privadas e um processo de “inclusão” de sujeitos historicamente sub-representados nesse nível de educação. Sobre essas pessoas, formou-se uma cadeia articulatória (LACLAU; MOUFFE, 2015), inicialmente englobando estudantes pobres, negros/as e indígenas e, em seguida, deficientes – sendo possível observar nos últimos anos tentativas de expansão dessa cadeia a partir da inclusão de pessoas LGBTI+ nos debates, através, especialmente, das pessoas trans e travestis. Como efeito, as instituições de ensino superior brasileiras foram profundamente transformadas pelo ingresso de sujeitos cujas experiências, perspectivas e visões de mundo geraram novas demandas e sentidos para esse espaço-tempo, tensionando e deslocando fortemente o que vem a ser a universidade, e o que se passa em seu cotidiano.

Esse tensionamento se tornou mais polarizado nos últimos anos, com o fortalecimento de políticas neoliberais de austeridade, com as reduções progressivas e agressivas no orçamento público e com o avanço de setores políticos conservadores que empreendem uma cruzada antigênero. Vivencia-se, nesse processo, uma série de ataques às instituições públicas, questionando-se, entre outros aspectos, o próprio caráter público e gratuito. Isso se fez mais evidente a partir do ano de 2016, com o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff e a virada nas forças políticas que ocupavam o poder, mas sobretudo com a vitória da extrema direita nas eleições de 2018. Inaugura-se, assim, um novo período para a educação superior brasileira, cujas marcas têm sido o esforço numa desconstrução

1 São exemplos dessas políticas públicas, o Programa Universidade Para Todos (PROUNI), o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES), o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), o Programa de Bolsa Permanência (PBP), o programa de Acessibilidade na Educação Superior (Programa Incluir), o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), o Programa Nacional de Assistência Estudantil para as Instituições de ensino superior, Públicas Estaduais (PNAEST), e o Programa Milton Santos de Acesso ao Ensino Superior (PROMISAES).

acelerada do discurso de democratização; a demonização das tentativas de promoção da justiça social para grupos historicamente subalternizados, como a população LGBTI+; e a ênfase em um modelo de educação regulada pelas forças do mercado.

Nesse cenário, esse artigo é um recorte temático de uma pesquisa de doutorado em andamento, que tem como objetivo compreender como processos políticos mais amplos – em torno da *democratização* da educação superior em suas articulações com a *cidadanização* da população LGBTI+ no Brasil – e formas de subjetivação de estudantes LGBTI+ se perfazem. Através de narrativas de sete estudantes LGBTI+ da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), objetivo aqui analisar os sentidos vinculados à universidade e às trajetórias acadêmicas, e investigar os efeitos das experiências na universidade em seus processos de subjetivação. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com um enfoque narrativo. Interessado em manter o anonimato dos/as estudantes, ao término de cada entrevista, solicitei que escolhessem um pseudônimo, utilizados à frente.

## **2. “A UNIVERSIDADE ME ABRIU UM MUNDO DE POSSIBILIDADES”: EXPERIMENTAÇÕES, MUDANÇAS E TRANSIÇÕES**

Certamente, não há dúvidas de que existem diferentes modos de experienciar a universidade e conseqüentemente de subjetivar os seus efeitos. No cotidiano curricular universitário, as tramas que se entrelaçam na formação profissional mediada se expandem e abrigam uma miríade de percursos formativos. Nessa direção, nas narrativas dos/as interlocutores/as dessa pesquisa, a universidade aparece, especialmente, como espaço de experimentações e transformações de si.

Para alguns, a universidade figura como uma oportunidade decisiva de mudança de vida, ou mesmo de fuga, relacionada a modos de ser e estar no mundo. Isto é, nessas narrativas a universidade é percebida não apenas como espaço que viabilizaria uma formação profissional, ou uma ascensão social, mas também como oportunidade para experimentar outros modos de ser, o que envolve, de modo central, relações de gênero e sexualidade. Foi possível notar esse significado de diferentes maneiras, mesmo antes que eu perguntasse mais diretamente o que significava a universidade em suas trajetórias de vida. Para algumas dessas pessoas, foi através das experiências mediadas nos espaços da UFPE que outros

modos de viver a sexualidade e o gênero – assim como outras dimensões da vida social – vem sendo construídos, seja reafirmando identificações antes reconhecidas e até então pouco exploradas, ou desconstruindo e refazendo as maneiras como lidavam com essas dimensões de suas vidas. Mas, sempre como um espaço fundamental na construção de si.

A percepção de Salem, 22 anos, *homem bissexual, negro*<sup>2</sup> e estudante de um curso na área das Ciências Biológicas, sobre a universidade segue nesse sentido. Quando perguntei sobre o que significava a UFPE em sua trajetória de vida, ele respondeu da seguinte maneira:

“Eu acho que a universidade pra mim foi um mundo. A universidade pra mim foi literalmente um mundo que se abriu, porque eu não tinha ideia de coisas que as pessoas... assim, que era algo natural, normal... Quando eu cheguei, eu fiquei assim: ‘meu deus, a pessoa tá fazendo isso ao ar livre’. Assim, eu vi pessoas acho que de várias partes do mundo. E assim, modos e formas de pensar, pessoas que foram criadas de formas diferentes que eu. E tudo isso pra mim sempre foi curioso. [...] E a universidade quando chegou pra mim – e eu digo ‘graças a Deus’ que um dia ela chegou – me possibilitou enxergar as pessoas como elas são. A universidade me permitiu crescer tanto de perceber as pessoas como elas são, principalmente as pessoas LGBT. Porque eu tinha a ideia de que o símbolo gay, o nome gay, carregava um rapaz afeminado, todo cheio de trejeitos, super cheio de jargões, baixo no quesito de um palavreado bastante baixo. De uma forma de tantas palavras e expressões que eu usava, na maior inocência, e que eram extremamente machistas, sexistas, frases homofóbicas. E isso feria outras pessoas, mas eu não tinha discernimento, mesmo sendo aquilo sem saber, fazendo parte desse público e não me enquadrar ainda. E a universidade chegou e foi desconstruindo muita coisa. Você chega ali no escuro, sem saber de nada, e na medida em que você vai observando as coisas, você vai vendo, você vai se permitindo entender as pessoas” (Salem).

A universidade foi *um mundo que se abriu* para Salem, como se vê acima. Isso no sentido de que oportunizou mudanças decisivas em suas percepções sobre a vida, especialmente em questões que envolvem gênero e sexualidade. A universidade foi *“desconstruindo muita coisa”*,

<sup>2</sup> Destacadas em itálico, mantive as categorias mobilizadas por cada pessoa para se autodescreverem.

e Salem conta isso, citando como exemplo as expressões e percepções que ele carregava e que exprimiam preconceitos, machismo, sexismo e homofobia. A mudança em suas visões de mundo foi tamanha, que ele conta que para a família dele a universidade “fez a cabeça” dele, *“fez uma lavagem cerebral”*. Mas ele explica que responde dizendo que a universidade veio fazendo com que seus *“olhos começassem a enxergar as coisas como são”*. Por essa razão, ele conta que se tivesse que resumir a UFPE para ele em poucas palavras ele diria: *“a universidade é um mundo. Foi o meu mundo, na realidade”*.

Um segundo sentido sobre a universidade que acredito que se aproxima dessa ideia de experimentação de si, é uma visão desse espaço como uma oportunidade de mudança de vida, ou como fuga. Já no início da nossa conversa, Luna, 23 anos, *travesti, branca* e estudante de um curso na área das Ciências Biológicas, começa ressaltando a importância da universidade na trajetória de vida dela. As experiências na universidade têm funcionado como um divisor de águas, abrindo outras possibilidades existência. Luna pontuou:

“Ela trouxe várias estabilidades, porque se eu não tivesse entrado na universidade eu não teria nenhuma visão de futuro da que eu tenho hoje. Eu sei que eu tenho encontrado várias barreiras pra eu estar ocupando os espaços, mas foi por conta da universidade que hoje eu atuo como educadora numa escola pública do Recife. Então, se eu não tivesse entrado nisso, na universidade, não teria como falar sobre as minhas vivências lá, me esbarrar com as diversas situações que a gente encontra numa escola pública e ainda mais dando aula no ensino fundamental 2. (...) Então foi toda essa loucura que a universidade me trouxe. A universidade me trouxe mudança. Acredito que ela me trouxe também progresso. E é super importante que outras pessoas, assim como eu e diferentes também de mim que não tem acesso e que é super importante que elas tenham pra que a gente possa ocupar novas narrativas, novos lugares. Quem diria que uma travesti estaria numa sala de aula dando aula? Fico me perguntando isso, sabe. E eu trabalho junto com uma amiga minha que também dá aula na sala de aula que é travesti também. E assim, eu nunca pensei, quem diria, que existiam travestis no curso de Oceanografia, ou Pedagogia, sabe, ou nos cursos de Farmácia. Eu fico, assim, surpresa, de como a universidade proporciona essa mudança. É claro que é gradativa né. Demora um bocado pra a gente ter esse retorno. Mas

dá um retorno assim de uma narrativa diferente, e é super importante isso” (Luna).

Em diferentes momentos da entrevista, Luna destaca essa importância que as experiências mediadas pela universidade assumiram em sua vida. Luna experimentou diferentes formas de identificação, passou por rompimentos e reconstruções dos laços com a família de origem, foi expulsa de casa, passou por dificuldades, dependeu da assistência estudantil e estágios da universidade para se manter, entre outras coisas que pavimentam essa trajetória intensa de construção de si.

Ela movimenta um aspecto específico de sua trajetória para contar sobre como a universidade tem transformado sua vida – *abriu um mundo*, diria Salem. A atuação dela como educadora numa escola pública do Recife é o exemplo narrado. E se ressalta: *apesar* de travesti, se tornou educadora. *“Quem diria que uma travesti estaria numa sala de aula, dando aula?”*, questiona retoricamente. Se frequentemente as travestis e mulheres trans lidam com formas de expulsão da escola, são conduzidas a interromperem a trajetória escolar como resultado de práticas de regulação, correção e produção de “corpos normais” – que envolvem o enquadramento e produção dos corpos que escapam como corpos sem lugar – Luna conta uma *“narrativa diferente”*. Ela retornou a essa instituição, e numa posição ainda inesperada para corpos como o dela, destaca.

Ainda que a trajetória de Luna seja repleta de acontecimentos que oportunizaram a construção de uma *narrativa diferente* – que ela ocupasse *novas narrativas* e *novos lugares* – há que se notar que ela ressalta que existem várias barreiras, e que os avanços são lentos. É nesse contexto que a universidade tem oportunizado uma mudança de vida para ela.

Um ponto importante aqui é registrar que não raramente, para mulheres trans e travestis interlocutoras dessa pesquisa, a universidade aparece como uma alternativa a outras possibilidades quase óbvias, ou quase incontornáveis, como a prostituição ou a morte. Ainda que estar na universidade não signifique o fim dessas outras possibilidades, ingressar nesse espaço aparece como uma chave de virada de grande importância. Algo que se dá não apenas, embora esse seja um ponto central, em função das identidades de gênero, mas também por relações de classe e racialização.

Para uma vida que aparece como profundamente marcada pela possibilidade quase inescapável de marginalização social e precarização aguda das estruturas que dão suporte a vida, ingressar em um espaço

como a universidade acaba representando a possibilidade de ocupar uma narrativa diferente, como disse Luna.

Na narrativa de Mariela, 23 anos, *lésbica, negra* e estudante da área das Ciências Humanas, quando pedi que ela me contasse como foi a trajetória dela na UFPE enquanto uma mulher lésbica, ela destacou a importância da universidade na construção de sua sexualidade. *“A universidade revolucionou completamente a minha vivência com a minha sexualidade”*, afirmou enfaticamente. Para Mariela, até o início de sua passagem na universidade, ela não tinha um *“desenvolvimento sexual”* que pudesse se sentir segura, o só aconteceu com as experiências decorrentes desse espaço. Ingressar na universidade *“abriu as portas”* para ela sanar dúvidas e experimentar relações e identificações. *“Logo no primeiro período, eu já comecei a me relacionar com outras mulheres, eu já comecei a conhecer um movimento LGBT, eu comecei a conhecer pessoas LGBT adultas, que tinham uma vida concreta, que deixavam de ser aquela coisa distante e fora do estigma, porque até então a gente vê só o estigma. Então, a universidade me abriu um mundo LGBT, de verdade”*. Como ela explica, as experiências decorrentes da universidade revolucionaram a sexualidade dela, no sentido de que oportunizaram encontros, relações, incluindo relações afetivo-sexuais com outras mulheres, e a aprendizagens de códigos, valores, estilos e saberes que compõem o *“mundo LGBT”*. Por essa razão, para ela a universidade é um espaço menos repressivo que outros em que ela tem transitado, como a escola em que estudou ou o espaço familiar, cujas relações ainda são de não aceitação. É gozando dessa liberdade que sente nesse espaço, e através das redes de relações sociais que Mariela pôde experimentar a sexualidade e o gênero de outras maneiras.

“Então, assim, individualmente eu cresci muito enquanto uma mulher lésbica, e coletivamente eu cresci muito porque eu comecei a ver o movimento LGBT como instrumento de dar poder às pessoas LGBT, dentro e fora da sala de aula. Foi na universidade que eu vi, por exemplo, uma pessoa LGBT falando abertamente ‘não, eu sou gay e eu vivo isso, isso e isso, e isso tá conectado a um estudo’. Foi quando eu vi o quanto a comunidade LGBT é muito diversa, é muito diversa. E a gente tem muitas vivências positivas e negativas, porque até então no espaço familiar o que transmitem pra a gente são só as vivências negativas. ‘ah, não, você vai ser lésbica? Você vai apanhar na rua! Você vai ser uma párea, você vai pro inferno’, e na universidade eu pude ver as vivências positivas, de gente casada com filhos, de gente que morava sozinho, de gente que

tinham uma convivência ótima com a família, saca?! Então a universidade possibilitou que eu não somente tivesse esperança, mas que eu visse que era possível ter outra vida enquanto mulher lésbica, enquanto pessoa LGBT. Com muitas dificuldades, sem dúvidas, mas que era possível eu desenvolver a minha família, desenvolver a minha carreira profissional sem precisar me esconder” (Mariela).

Conhecer outras pessoas LGBT, *“que tinham uma vida concreta”*, que falavam abertamente sobre suas orientações sexuais e identidade de gênero, pessoas LGBT com *“vivências positivas”*, ou fora do estigma deu *esperança* para ela. A esperança de que é possível constituir uma vida enquanto mulher lésbica longe daquilo que ouviu especialmente na família de origem. Ter esperança de que essa outra vida aconteça é algo importante pra ela, porque ela bem sabe, da possibilidade, nada incomum, de que essa outra vida possa não acontecer. Daí que ter esperança, nesse caso, é também ter medo. Nessa narrativa, medo do estigma, da violência, do inferno, de não constituir uma família, entre outros.

A narrativa de Dora (22 anos, *trans não-binária*) se aproxima da narrativa de Mariela nessa noção de abertura de  *mundo LGBT*. Dora contou que uma coisa importante *“a falar da primeira experiência na federal como uma pessoa LGBTQIA+ é que existe muitas pessoas LGBTQIA+ na federal”*. Sair de um espaço como a escola em que estudou, onde era uma das poucas pessoas LGBTI+ assumidas, período em que só conhecia outras pessoas LGBTI+ pela internet e ingressar em uma universidade com tantas outras pessoas como ela, foi de grande importância. *“Acho que foi a primeira vez que eu vi que existia tantas pessoas que eu poderia ter contato, conversar, expor minhas dores, que eu posso paquerar... uma coisa que eu não fazia na rua”* (Dora). Essa abertura de  *mundo LGBT*, se refere então a uma infinidade de outros sentidos, sujeitos, relações, experiências e potencialidades que se abrem nos encontros com outras pessoas LGBTI+ nesse espaço. Aprende-se outros hábitos, costumes, práticas, códigos sociais, conhecimentos, estilos e modos de ser. E como Mariela destaca, isso ocorre não apenas entre os/as estudantes, mas também pelos encontros com outras pessoas que trabalhavam na universidade ou no entorno dela.

Ainda que diferencialmente, esse aspecto atravessa todas as narrativas como um ponto importante que é oportunizado pelas experiências na universidade. Na pesquisa realizada por Cardoso (2019), entre estudantes lésbicas, gays e bissexuais da Universidade de São Paulo, a importância

dessas relações com outras pessoas LGBTI+ na universidade, tinha a ver com a composição de círculos de amizade ou como referências de possibilidades de identificação, o que facilitava tanto a convivência nesse espaço quanto os próprios processos de autoaceitação, o que se aproxima das narrativas aqui analisadas. Desse jeito, conhecer outras pessoas LGBTI+ oportuniza fluxos pelos quais outros significados circulam, oportunizando ressignificações importantes, fora do estigma. Nessa perspectiva, o currículo universitário (trans)forma aqueles e aquelas que vivenciam a universidade com tamanha potência porque envolve uma infinidade de possibilidades de encontros, trocas e experiências que extrapolam os próprios limites da sala de aula e dos espaços-tempos mais formais – os estágios, os projetos de extensão, os programas de iniciação à docência, as monitorias, etc.

Nessa mesma direção, a narrativa de Rose, 34 anos, *lésbica, negra*, estudante da área de Ciências Exatas e da Terra, também ressalta a percepção da universidade como um espaço de experimentação. Rose contou com duas passagens pela UFPE. Entre 2007 e 2013, estudou em um curso das Ciências Humanas, e a partir de 2016 iniciou um curso na área das Ciências Exatas e da Terra, que se encontra em sua etapa de conclusão. Nessa trajetória, ela se refez. Entre as mudanças, se descobriu *lésbica* e começou um relacionamento com uma mulher. E completa:

“Eu sempre falo assim: ‘eita, pulei o muro’, que é, eu descobri outro quintal, outro universo totalmente diferente daquele que eu estava acostumada a frequentar. Então, isso me ajudou muito. Eu tive a liberdade de poder escolher. A gente não tem essa liberdade né. A gente nasce pra ser cis e heterossexual, casar ter filhos, ficar velho e morrer. Então, eu aprendi realmente, na prática, que esse universo existia. Era aquela, eu só ouvia falar, mas não fazia a menor ideia de como era ser LGBT, ter amigos LGBT, conversar sobre questões LGBT, entendeu” (Rose).

Assim como Mariela, Rose destaca que através das experiências ocasionadas pela universidade ela pôde se entender e *“conhecer mais do universo, porque ser LGBT não é só uma sexualidade, não é só uma identidade de gênero né. É um modo de vida”*. Haveria, portanto um *modo de vida LGBT* que se contrapõe a um *modo de vida cis e heterossexual*. Para ela, ao se reconhecer como LGBT, a vida muda porque *“você se liberta de muitas amarras”*. As amizades, os espaços de lazer, as roupas, os gostos e interesses mudam, ela exemplifica. E Rose viveu essa mudança.

Especialmente na primeira passagem na UFPE, foram as amigadas que mais viabilizaram o conhecimento desse “universo LGBT”. Nessas relações, ela conta que pôde conversar abertamente sobre várias questões, como fetiches, curiosidades, desejos e experiências, e aprender muita coisa. Ela se vale da analogia de *pular o muro e conhecer outro quintal* para falar daquilo que tenho destacado nessa seção. Em síntese: nas tramas curriculares universitárias, se destaca a abertura ao encontro com outras linguagens de gênero e sexualidade, erigidas sob diferentes perspectivas epistemológicas, culturais e políticas, que oportunizam outras experiências por meio das quais se fazem sujeitos de formas imprevisíveis. Sendo assim, ao que me parece, as relações e práticas que esses sujeitos constroem em suas experiências na universidade, deslocam a noção de que o currículo “se organiza[ria] em torno de um horizonte saturado de normatividade contrastado por um projeto combativo de ruptura” (RANNIERY, 2017, p. 63).

No terreno curricular em que a universidade se faz espaço de experimentação de gênero e sexualidade e de fruição do prazer, normatividade e ruptura se dão em uma dinâmica constante de deslocamentos e reinvenções, em um horizonte de hibridizações. Nessas narrativas, tratar o currículo universitário como horizonte saturado de normatividade faria aquilo que Ranniery (2017) chamou de esterilização da vida nas tramas curriculares. O que elas e eles chamam atenção é para as tantas formas de reinvenção de linguagens de gênero e sexualidade que abrem e deslocam possibilidades de construção de si fazendo-se em um complexo de relações com as normas, relações que podem ser de concordância e coerência, mas também envolvem conflitos, deboches e contradições.

Envolvida em várias questões, essa noção de experimentação estava relacionada especialmente a uma autonomia em relação ao ambiente de origem, quase sempre percebido como mais restritivo quando relacionado à universidade, que aparece como mais libertador por oportunizar outras formas de experimentação em termos de gênero e sexualidade, e uma noção de *diversidade* que se encontra nesse espaço. Se deslocar para um espaço fora do alcance da regulação moral do ambiente de origem, com destaque para a família, e onde se encontra uma pluralidade de sujeitos, experiências de mundo, conhecimentos e epistemologias, abre possibilidades de experimentações. Essa mesma distinção entre o ambiente de origem e a universidade figura foi também observada por Stephanie Lima (2020) em sua etnografia sobre estudantes LGBTI negros. Em sua análise, “o mundo de origem aparece como o ‘lugar da repressão’,

onde não podiam se descobrir ou ser descobertos como LGBTI. Em contrapartida, o mundo da universidade aparece como libertador, onde se descobre ‘sobre si e sobre a sexualidade’” (LIMA, 2020, p. 179).

Na pesquisa desenvolvida por Brume Dezembro Iazzetti (2021), com estudantes trans universitários/as, destaca-se o encontro de “portos seguros” nas e através das universidades, em que questões como segurança e estabilidade se sobressaem e fomentam a permanência nessas instituições. Esse fator se repete de modo bastante parecido entre as narrativas com que tive contato nessa pesquisa com estudantes LGBTI+ da UFPE. Isto é, entre a emergência da possibilidade, até então para alguns  *muito distante* ou improvável, de estudar em uma universidade federal, passando pela construção e incorporação das *pautas LGBTI+* na UFPE, até a infinidade de feixes de relações, experimentações, descobertas, mudanças e transições, que se abrem no interior dessa instituição, assim como nos deslocamentos em suas fronteiras e no além dela, a universidade é engendrada como um porto seguro.

Entre as pessoas trans, a universidade assume um sentido ambivalente. À medida que é vista como espaço de experimentação e menos violento em relação a outros espaços, ela é também apreendida como local de violências transfóbicas que passam por questões como o uso dos banheiros, o respeito aos pronomes, até a ausência de produções de intelectuais de pessoas trans na oficialidade curricular. Esse é um ponto importante porque, como tenho exposto ao longo desse estudo, a universidade é muitas vezes o lugar onde muitas dessas pessoas se afirmaram publicamente enquanto trans. Isso, todavia, se faz envolvendo também tensões que demandam enfrentamentos cotidianos. Algo semelhante é também apontado por Coacci (2018), em seu trabalho sobre os movimentos sociais de pessoas trans, e Iazzetti (2021) no contexto da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Isto é, nos relatos analisados nesses estudos, a universidade é vista tanto como lugar de discriminações e opressões – o que inclusive levava a percepções de que a universidade não é feita para pessoas trans – quanto lugar de oportunidades, experimentação e emancipação.

Essa percepção ganha outros sentidos nas narrativas que relacionam o contexto familiar, espaço que ainda imprime formas de controle e restrição, ao contexto de liberdade e experimentação da universidade.

### 3. “VIVER DUAS VIDAS”

**“Eu sempre acabei vivendo duas vidas**, até hoje, infelizmente. Eu não sou assumido pra minha família como bissexual, mas levo em consideração que eles não entendem, pelo fato de um discurso mais agressivo, um discurso de ódio, que eles não entendem o que é ser um homossexual de pelo menos uma escolha, imagina passar pela cabeça deles de alguém que gosta das duas coisas. Então, assim, eu sempre tive que levar duas vidas, embora que eu nunca tive que esconder nenhum trejeito. Eu acho que eu não tenho tantos trejeitos pra mostrar. Mas aí, minha vida sempre foi essa” (Salem).

Assim Salem (22 anos, *bissexual*) começou a narrar sobre sua trajetória na UFPE enquanto uma pessoa LGBTI+. Com receio de ser rejeitado, ele não é assumido para a família. Se entender o que é ser homossexual já seria difícil – e aqui presumo que *entender* envolta também *respeitar* – “*gostar das duas coisas*” parece ser ainda mais. De uma família evangélica e “*conservadora*”, ele me contou que pensa bastante antes de tomar qualquer decisão, como contar sobre sua sexualidade, para evitar conflitos. A bissexualidade figura narrativamente como algo que beira o ininteligível para a família. Por essa razão, ele explicou que tem que “*viver duas vidas*”, o que significa viver de maneiras diferentes no espaço da família de origem e na universidade. Em espaços como a universidade tornou-se possível experimentar outras expressões da sexualidade e do gênero. Na casa dos pais e no bairro onde ele morava com eles, era preciso restringir as expressões, mesmo que ele considere que não tenha muitos “*trejeitos*” para esconder. Por essa razão, Salem explica que: “*a partir do segundo período eu podia ter aula a noite que eu saía de casa de oito horas da manhã, que eu preferia, mil vezes, a universidade do que ficar em casa*”. Passar o dia na universidade no caso dele estava ligado à ideia de liberdade. No período da entrevista ele estava morando no bairro da Várzea, nas redondezas da UFPE, e conta que não tem mais vergonha de dizer o que é e viver como gostaria, ao menos naquela região. Em resumo, na universidade ele podia experimentar mais livremente outras possibilidades de gênero e sexualidade, diferente do que era possível negociar em casa. Mas é preciso fazer uma ressalva. Como apresentei anteriormente, Salem contou que há espaços na universidade em que ele prefere manter um cuidado em suas expressões de gênero e sexualidade. Espaços como o laboratório em que faz estágio, é percebido como mais sério e

discreto, gerando um receio da possibilidade de constrangimento, o que faz com que ele permaneça negociando uma (in)visibilidade de gênero e sexualidade.

De algum modo a narrativa de Salem sobre *viver duas vidas* se aproximou daquilo que Mariela (23 anos, *lésbica*) me contou sobre sua trajetória. Diferente de Salem, Mariela contou para a família que ela é *lésbica*, o que gerou uma série de conflitos – os quais Salem contorna ao negociar o segredo. Esse é um assunto que não se toca na casa de Mariela. Enquanto falávamos sobre a trajetória dela na UFPE, e essa relação com a família, ela me contou que: *“Enquanto eu estava lá [na universidade] eu era uma mulher assumida. Quando eu voltava pra casa eu precisava me auto-reprimir pra poder ter uma convivência pacífica com meus pais, com minha família como um todo”*. Diante dessa necessidade de negociar de um lado uma vida como *mulher lésbica assumida* e do outro uma *convivência pacífica* com os pais, me atrevo a dizer que, assim como Salem, Mariela *vivia duas vidas*, entre a universidade e o ambiente familiar. Nesse processo, ela contou que foi passando cada vez mais tempo na universidade, já que lá ela podia *“desfrutar mais da minha vida assumida”*, o que oportunizou que ela *“crescesse muito enquanto uma mulher lésbica”*.

*Viver* mais tempo na universidade envolvia especialmente essa possibilidade de *desfrutar da vida assumida*, mas tinha também a ver com uma trajetória intensa de atividades múltiplas naquele espaço, que somava aulas, estágios e militância, essa última com um destaque especial, ela realça.

No trânsito entre o ambiente familiar e a universidade, o que se colocava era a importância de manejar diferentes questões. Entre as narrativas de Salem e Mariela, *viver duas vidas* é, portanto, um modo de negociar aspectos como visibilidade, aceitação, identificações e agenciamentos. Envolve negociações de sentido em torno de um não rompimento completo das relações familiares e o manejo de formas mais tranquilas de convivência, ao passo em que a vivência na universidade oportuniza modos de autoaceitação, experiências afetivas e sexuais e a experimentação de outros modos de ser.

Outras formas de negociação de visibilidade que se aproximam dessa relação relatada por Salem e Mariela foram também relatadas. Embora João (21 anos, *bissexual*) não tenha falado diretamente dessa divisão entre *viver duas vidas*, ele comenta que passou um tempo morando perto da universidade, o que possibilitou a ele *“ser a pessoa que não pode ser em casa”*, porque a família não sabe de sua orientação sexual e saber poderia

deflagar uma tribulação. Ao voltar a morar com a família, na cidade de Moreno, Região Metropolitana do Recife, ele sente essa diferença. Me explicou que ainda que em casa ele permaneça o mesmo, ele não pode ser exatamente como é quando está na universidade, porque em casa é preciso um manejo entre visibilidade e segredo. Entre outras coisas, a manutenção do segredo na família envolve também o fato de ele estar no momento em um relacionamento com uma mulher.

No caso de Mariela, a família sabe que ela é *lésbica*, mas fingem que não existe. Não se fala do assunto em casa. Entre outras coisas, essa acaba sendo uma estratégia para contornar conflitos. Roberta (24 anos, *sapatão*), por sua vez, contou que a família *finge* não saber. A namorada dela convive com a família há alguns anos, mas não se nomeia como namorada, mesmo que tudo indique isso. Como ela explicou, *“fica óbvio que é namoro, mas ela [a mãe] finge que não, e é assim com a minha família. Vivem em negação”*.

Na pesquisa de Carolina Gonçalves e Marta Rovai (2017), com mulheres lésbicas estudantes universitárias, é possível notarmos a complexidade e ambiguidade que as relações entre visibilidade e segredo podem assumir. É possível sair do “armário” para determinado âmbito da vida (família, sociedade, trabalho, etc.), e manter as “aparências”, ou manter-se nele, para outros. É possível também estar “parcialmente dentro do armário”, como uma das interlocutoras de Gonçalves e Rovai explicou, em que, mesmo sendo uma pessoa que vive “fora” do armário, por diferentes fatores, como uma relação afetiva, acaba sendo mais interessante negociar uma visibilidade que joga com o que é aparente e o que não é.

Nessa complexidade que as relações entre visibilidade e segredo assumem, a ideia de “armário” parece ser pouco produtiva para entendermos o que se passa nessas negociações entre visibilidade/invisibilidade, segredo/revelação, público/privado narradas por Mariela e Roberta. A experiência do “armário”, e isso já notamos com a pesquisa de Gonçalves e Rovai (2017), não é, portanto, universal. Guilherme Rodrigues Passamani (2015), analisando os regimes de visibilidade sobre a experiência do “armário”, nota que essa metáfora perdia o sentido na narrativa de uma de suas interlocutoras, Simone. Seguindo nessas analogias com móveis, Passamani lança mão da metáfora da “cristaleira”.

“A cristaleira difere do armário porque não há nada guardado. Ela também difere do guarda-roupa porque você não faz uso dos cristais diariamente e nem os fica manejando com recorrência. Mas você sabe que eles estão

lá. No entanto, a cristaleira confunde as dimensões de interno/externo, pois estes dois espaços parecem a continuação um do outro. Apesar das coisas estarem à mostra, de toda forma, há o vidro que constrói uma fronteira. Este vidro, sim, é facilmente quebrável. Quem sabe, seja mais difícil romper as portas do “armário”, ou quebrar um “guarda-roupa”, do que estilhaçar uma parede de vidro” (PASSAMANI, 2015, p. 149).

Me aproprio dessa metáfora da cristaleira para pensar sobre esses relatos já que como Roberta contou, ela lida com uma espécie de segredo à mostra, ou um segredo-aberto, pegando de empréstimo o termo de Sedgwick (1990). Nada está muito escondido, mas também não está completamente à mostra, talvez só atrás de uma parede de vidro. E ainda que quebrável, e o “segredo” já visível possa ser violado, as paredes e portas de vidro da “cristaleira” parecem sim mais resistentes que as de um “armário”.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos perceber, nas narrativas desses/as estudantes, a universidade aparece como um espaço decisivo em suas trajetórias de vida. Um divisor de águas, em que outros modos de se reconhecer e se afirmar são oportunizados e experimentados. Não significa dizer que não houveram adversidades, conflitos, tensões, medos e violências permeando as trajetórias acadêmicas. Aliás, relatos sobre esses aspectos foram feitos, demonstrando a complexidade e as ambiguidades que atravessam essas trajetória, assim como Iazzetti (2021) também registrou em seu contexto de pesquisa. Contudo, não foi possível explorar mais atentamente no escopo desse artigo essa dimensão.

Por fim, gostaria de argumentar ainda que narrativas como essas não são apenas descritoras daquilo que a universidade é, ou do que ela fez com essas trajetórias de vidas, mas formadoras da própria universidade. Explico. Tenho sustentado que o processo de democratização da educação superior se encontra de formas múltiplas com as dinâmicas políticas da chamada cidadanização da população LGBTI+ no Brasil. Isto é, os embates acerca da democratização da educação superior, assim como o contexto de crise que se instala agora, são constituídos e constituidores das lutas, e todas as suas sinuosidades, pela cidadanização da população LGBTI+ no Brasil. Esse processo dá-se em uma esfera política mais ampla, com seus conflitos em nível nacional, em espaço como os de formulação

das políticas públicas direcionadas às universidades, mas não ocorre descolado dos cotidianos dessas instituições. Quero dizer, se há uma disputa acirrada acerca dos rumos da universidade pública no Brasil, e se essa disputa é também constituída por demandas e sujeitos políticos LGBTI+, o cotidiano curricular das universidades é palco dessas tramas. Não que o que acontece no cenário político mais amplo simplesmente reverbera sentidos nas universidades, as (trans)formando livremente. Mas, que essas disputas se fazem no próprio chão das universidades, e guarda relações complexas, conflitivas e também contraditórias com o cenário político nacional. Sendo assim, tomo as narrativas de meus e minhas interlocutores/as como expressivas de algumas das maneiras pelas quais a universidade é disputada e constituída pelas experiências de pessoas LGBTI+.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, Iuri. **O mundo e um outro mundo: Reprodução cultural e produção da diferença em vivências universitárias de estudantes lésbicas, gays e bissexuais da USP**. 2019. 139 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

COACCI, Thiago. . **Conhecimento precário e conhecimento contra-público: a coprodução dos conhecimentos e dos movimentos sociais de pessoas trans no Brasil**. 2018. 290 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Ciência Política, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2018.

GONÇALVES, Carolina Stéphanie Rodrigues; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Dos armários nossos de cada dia: uma (ainda) presença formadora do(s) armário(s) no cotidiano contemporâneo do ser lésbica. **Csonline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, v. 1, n. 23, p. 327-343, 2017.

IAZZETTI, Brume Dezembro. **Existe 'universidade' em pajubá?: transições e interseccionalidades no acesso e permanência de pessoas trans\***. 2021. 312 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e Estratégia Socialista: Por uma política democrática radical**. São Paulo: Intermeios, 2015.

LIMA, Stephanie. **“A gente não é só negro!”: interseccionalidade, experiência e afetos na ação política de negros universitários**. 2020. 288 f. Tese (Doutorado) – Curso de Doutorado em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. **Batalha de Confete no “Mar de Xarayés”: condutas homossexuais, envelhecimento e regimes de visibilidade**. 2015. 285 f. Tese (Doutorado) – Curso de Doutorado em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2015.

RANNIERY, Thiago. Currículo, socialidade queer e política da imaginação. **Revista Teias**, v. 18, n. 51, out/dez, 2017.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemology of the closet**. Berkeley: University Of Califórnia Press, 1990.